

D F - Ante

Yoko Ono é o assunto desta quarta temática do **Caderno 2**. Ela está em Brasília para apresentar a exposição *Wish Trees for Brasil*. Até hoje muitos insistem em reduzir Yoko ao papel de ex-mulher de John Lennon. Esta edição temática tenta desvendar um pouco da trajetória de Yoko Ono, falando sobre suas intervenções na cena pop, a participação no movimento *Fluxus*, o trabalho e os interesses atuais.

No fluxo da arte

Geraldo Magela



Yoko Ono: "O destino pode nos matar, contudo ele não consegue destruir os nossos espíritos. Somos como árvores e conseguimos escapar dos caixões para uma existência maior"

om dia. Sou Yoko Ono". Com essas palavras, a artista se apresentou para a imprensa na manhã de ontem, em entrevista coletiva na Sala Villa-Lobos do Teatro Nacional. Simpática, sorridente, elegante, Yoko desfaç automaticamente qualquer antipatia *beatlemaniaca* e bobagens mitológicas propagadas pelos historiadores do rock. Ao final da entrevista Yoko Ono posou para os fotógrafos no Mezanino do Teatro, ao lado de suas obras. Bem humorada, ensaiou uma partida de xadrez com o secretário de Cultura, Hamilton Pereira, em um dos *Chess Sets* (tabuleiros de xadrez) **expostos** no Teatro. Depois, seguiu para o Panteão da Pátria, onde continuou à vontade para os flashes das câmeras. A visita de Yoko Ono a Brasília não tem nada a ver com o rock'n'roll, para os que ainda insistem em vinculá-la eternamente ao papel de senhora John Lennon. Na noite de hoje, será aberta no Teatro Nacional, no Foyer da Sala Villa-Lobos, a exposição *Wish Trees for Brasil* (*Árvores do Desejo para o Brasil*). Reunindo instalações, desenhos, música e vídeos, a mostra destaca tantos obras novas quanto outras famosas, selecionadas por Yoko Ono, como *Painting to Hammer a Nail In* (*Pintura para Martelar um Pregão Dentro*). Essa obra chamou a atenção de John Lennon, em uma exposição em Londres, em 66, na ocasião em que os dois iniciaram seu célebre relacionamento. Além de *Wish Trees for Brasil*, que poderá ser vista até 29 de novembro, no Panteão da Pátria e no Teatro Nacional, **seguinte** em 99 para o Museu de Arte Moderna (Salvador), Yoko concebeu para o Parque Internacional de Esculturas de Brasília uma obra com 60 árvores de ipês. O lançamento da pedra fundamental do Parque acontece hoje, às 15h, na área do Projeto Orla, com a presença de Yoko e do governador Cristovam Buarque. "Achava que esse Parque estaria pronto quando viesse para a exposição, mas parece que vai demorar um pouco. Não faz mal. Na minha vida aprendi que a paciência é algo muito importante", declarou Ono. Na conversa com os jornalistas brasileiros Yoko Ono falou sobre assuntos variados, como os conceitos e sentimentos contidos em suas obras, de espiritualidade, paz, do movimento *Fluxus*, corrente estética à qual ela se vinculou na década de 60; e de suas impressões sobre o Brasil e Brasília. Ela disse que estava contente com sua visita e elogiou o caráter moderno da arquitetura de Brasília, o ar da cidade e a amplitude do céu, confessando-se bastante estimulada e inspirada pelo ambiente. "Quando cheguei a Brasília tive a sensação de pisar em um lugar construído por seres de outro planeta", afirmou.

- A senhora está envolvida há tanto tempo com a arte, mas só agora chega à América do Sul. Por que demorou tanto a realizar uma exposição individual por aqui?

- Não sou uma pessoa que faz muitos planos, embora se acredite no contrário. Na verdade sou uma boêmia. Avanço e me deixo levar pelo fluxo das coisas. Recebi esse convite de Brasília e isso é o importante. Tanto faz se acontecesse há dez anos ou hoje. O importante é que tenho muito o que aprender com os brasileiros e com a sua cultura.

- Essa exposição foi preparada especialmente para o Brasil e a senhora utiliza materiais brasileiros em algumas de suas obras. Ao ser convidada para vir ao Brasil o que lhe despertou interesse em relação à vida e à cultura do país?

- Como vivemos em uma aldeia global, o que tinha na cabeça sobre o Brasil é o que a maioria das pessoas pensam. Meus interesses pelo país aumentaram consideravelmente graças a meu filho, Sean. Depois de gravar seu primeiro disco ele passou a alimentar um grande interesse pela bossa nova. Por causa dessa influência Sean recebeu muitas críticas da imprensa roqueira dos Estados Unidos e da Europa Ocidental. Achavam que pelo fato de ser filho de John Lennon teria que se transformar em herdeiro do rock. Porém Sean, como o pai, se interessa por novos horizontes. Ele não tem

medo de sair da sua casa e de fazer algo inesperado. Graças a ele passei um ano inteiro ouvindo bossa nova e aprendi a gostar bastante dessa música. Mas ainda assim, não soube o que significava vir ao Brasil e a Brasília até que isso finalmente ocorreu. A diferença em falar do Brasil e visitá-lo é enorme. As paisagens que vi aqui sempre me acompanharão. O Brasil sempre estará comigo.

- Observando obras como *Ex It*, onde são utilizados caixões, nota-se um teor trágico em sua arte. Com que conceitos a senhora costuma trabalhar?

- Diria que meu trabalho envolve concepções relativas à tragédia, à comédia e à alegria de viver. *En Trance* é sobre a vida e funciona como um *playground* da mente humana. Já *Ex It* fala da continuidade do que sentimos na vida. Um significado forte por trás dessas obras diz respeito à eternidade da vida. O destino pode nos matar, contudo ele não consegue destruir os nossos espíritos. Somos como árvores e conseguimos escapar dos caixões para uma existência maior.

- O movimento *Fluxus* ainda representa uma referência forte em sua carreira?

- Eu já era uma artista antes que o *Fluxus* começasse e continuei sendo depois que as pessoas se esqueceram dele. Sinceramente só posso ser eu mesma. Não quero me prender a nenhum

movimento. Gosto de dizer o que penso e expressar o que sinto, e não me fixar em alguma corrente.

- Elementos religiosos como o zen budismo são uma influência em suas composições?

- Sou influenciada pela história de todo o mundo e isso se reflete no meu trabalho. Alguns olhos talvez enxerguem influências zen nas minhas obras, enquanto outras podem revelar referências ao cristianismo ou a nenhum elemento religioso. Tudo depende de como você sente minhas obras. Isso para mim não importa tanto. O que vale é que elas deem alguma inspiração ou energias positivas para as pessoas.

- Música, esculturas, desenhos. A senhora trabalha com uma gama variada de recursos. Existe alguma intenção estética por trás disso?

- O que faço não constitui um exercício intelectual. Quero tocar o coração e não a mente das pessoas. Recorro a meios diferenciados para focar a liberdade em dizer algo. Nos anos 60 se falava que o meio era a mensagem. Eu pensava o contrário: A mensagem é o meio. Se você tiver uma mensagem poderá transmiti-la em qualquer meio, contanto que tenha algo a dizer.

- Qual a função da arte em sua vida?

- Desde criança sempre soube que havia algo mais na vida do que acordar, tomar café, ir para a escola, almoçar,

jantar e dormir. Sabia que devia existir uma coisa que fizesse a vida valer à pena. A arte serviu para que conseguisse expressar tudo o que sentia e se passava ao meu redor.

- Nos anos 60 e 70 a senhora ganhou notoriedade por sua ligação com movimentos pacifistas radicais. Na década de 90 ainda conserva essa atitude?

- Eu protesto do meu jeito, com a minha música e arte. Nos anos 60, quando protestei, utilizei o ambiente de aqueles tempos me ofereciam. *En Trance* e *Ex It* induzem seus observadores a pensar na paz. Tudo começa nesse momento, quando as pessoas vislumbram a paz e despertam em si alguma atitude a favor dela.

- Qual sua opinião sobre o fenômeno crescente da violência no mundo atual? As pessoas ainda se mantêm preocupadas em relação a posturas pacifistas?

- Todos nós representamos um movimento para a paz. A meu ver todos fazem o melhor possível em defesa da paz. É importante que continuemos sempre buscando essa vida melhor. Isso não representa uma tarefa para nenhum herói ou heroína. A sociedade é complexa demais para que haja figuras assim e o problema do mundo é pesado. Agora existe um efeito dominó. Se cada um faz um pouco, o dominó cai. Pensem na paz e rezem por ela que isso mudará nossas vidas. Creio que hoje em dia o ser huma-

no encontra-se mais consciente e politizado. Todas as gerações enfrentaram situações difíceis e deprimentes. Quando pensamos no genocídio e nos campos de concentração da 2ª Guerra Mundial de forma alguma podemos afirmar que hoje temos um mundo mais violento. O fato de ainda não termos chegado à 3ª Guerra Mundial demonstra que em algum ponto progredimos.

- Nos anos 60 a senhora ajudou a renovar o rock introduzindo nele uma atitude performática. O que pensa do rock e da música pop dos anos 90?

- Eu vinha de um universo musical diferente do rock, por isso o contato com esse gênero virou uma experiência bastante excitante. Eu combinava o rock, o jazz, a música de vanguarda e a música clássica. Foi o que tentei criar naquela época, não porque fosse mais inteligente que os outros, mas pelo fato de ser uma oriental vivendo no ocidente. Por essa razão achei que fosse uma ponte entre o oriente e o ocidente e nesse caso atuei como uma ponte por esses tipos de música. Se o que fiz inspira as novas gerações de roqueiros isso me deixa bastante contente. A fusão parece ser um imperativo na música dos anos 90. Particularmente essa combinação de elementos tão distintos me agrada muito.